
O jogo das identidades: o conceito de negritude para a criação de novos sentidos na representação midiática de pessoas negras¹

Thiago da Cruz RODRIGUES²

Pablo MORENO FERNANDES³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O presente trabalho discute o conceito de negritude na representação midiática de pessoas negras. Na história dos veículos de comunicação no Brasil, a população negra teve sua identidade marginalizada por grupos dominantes, sendo retratada em situações de criminalidade, violência e sexualização. A partir de movimentações coletivas, se organizaram tentativas de reconstrução dos sentidos estabelecidos pela branquitude. Tendo como base o Portal Alma Preta, agência de mídia especializada em conteúdos sobre e para pessoas negras, foi realizada análise de conteúdo de matérias publicadas na editoria cotidiano a fim de entender como se dá a representação de pessoas negras em contextos de poder e influência e como se encaixa a perspectiva da negritude nesse cenário. Como resultado, entende-se que o Alma Preta reconstrói sentidos em representações positivas de pessoas negras.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; identidade; negritude; representação; mídias online.

INTRODUÇÃO

As discussões sobre o conceito de identidade estão em constante fluxo, na busca por uma definição mais precisa. Novas ideias e atores sociais são acionados para tentar melhor entender e compreender o que define as características de determinado indivíduo ou de um grupo específico. Este momento é chamado de “crise de concepção de identidade” por autores como Stuart Hall (2019), pois há o surgimento de um questionamento sobre como essas características estão sendo formadas atualmente.

Essas movimentações estão apresentando novas perspectivas para diversos indivíduos e grupos sociais, como é o caso da população negra. No Brasil, a baixa presença de debates e a ausência de promoção de ações públicas acaba afetando as

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da UFMG, e-mail: crz.thiago@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, e-mail: pablomoreno@gmail.com

discussões sobre raça no país, acarretando em divergências nas classificações e conceituações sobre quem é negro. Um desses setores são os veículos midiáticos, importantes agentes na construção da opinião pública, que contribuíram e contribuem com a formação das identidades negras ao longo da história brasileira, considerados os processos de colonização.

Desde o surgimento dos primeiros periódicos específicos e voltados para a população negra no país, como o “Homem de Cor”, criado 1833 no município do Rio de Janeiro, ainda em período escravocrata, a questão da identidade negra já era colocada em questão. Nesse caso, o periódico tratava apenas de representar os negros libertos. Essas, no entanto, são bases essenciais no momento de compreender como as identidades negras no Brasil são colocadas em jogo. A pedagoga Nilma Lino Gomes (2005) aponta que essa ideia de identidade é um fator essencial quando se fala na formação das relações na sociedade e como elas se desenvolvem em diversos âmbitos:

a identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana (GOMES, 2005, p. 41).

Este conjunto de traços e práticas culturais, linguísticas, festivas e tradições indicados pela autora nos indicam como a construção de movimentos como o da negritude, trabalhado pelo antropólogo e professor Kabengele Munanga (2020) são ideias e práticas que estão cada vez mais contribuindo com a formação social de novas perspectivas acerca das identidades negras no Brasil, principalmente através das mídias online e digitais. Nesse cenário, este presente artigo, resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso mais amplo, busca investigar como o conceito de negritude tem papel relevante na reconstrução de um novo cenário para as representações de pessoas negras em contextos midiáticos.

O JOGO DAS IDENTIDADES NEGRAS NO BRASIL

O teórico jamaicano Stuart Hall (2019) nos apresenta um dos cenários mais atuais de como estão sendo reconhecidas e configuradas as identidades. Para o autor, há uma descentralização dos sujeitos e de suas identidades, abordando novas formas de os indivíduos se reconhecerem e serem reconhecidos na sociedade. Isso é devido aos

processos de intensificação da globalização, que encurtam distâncias através dos avanços de setores como o de tecnologia e transportes, por exemplo. De acordo com o autor,

a ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (MCGREW, 1992 apud HALL, 2019, p. 39).

Com esses processos da globalização, aumentando o fluxo de informações, os sujeitos passam a ser atravessados e reconhecidos por formas diversas de identidades, descentrando a figura única e padronizada, em comparação com o sujeito do iluminismo e sujeito sociológico (HALL, 2019). Com mais fontes de informação e conhecimento, como a própria mídia, a sociedade acaba se reconhecendo e se enquadrando em mais de uma “identidade” ou classificação social. Assim, não existe mais um sujeito centrado em características únicas e padronizadas, pois sua formação social é resultado de diversos processos e construções identitárias de fontes distintas. Esse atravessamento, principalmente quando estamos analisando a opressão vivenciada por mulheres negras, é nomeado de interseccionalidade:

a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p. 14).

Nesse cenário, temos a intensificação do jogo das identidades, pois é possível observar as múltiplas e descentradas características de um indivíduo ou de um grupo através de suas constituições sociais. No Brasil, muito trabalhado pela autora e pesquisadora Carla Akotirene, o conceito é uma ferramenta essencial para análises e percepções sociais, inclusive aquelas realizadas a partir das representações midiáticas das pessoas negras.

Com este instrumento, pode-se compreender melhor as particularidades e características de gênero, raça, classe e orientação sexual, por exemplo, aprofundando o entendimento sobre esses grupos mais específicos. Com isso, também é possível entender as formas de opressão e controle perpetuadas por grupos políticos e socialmente dominantes. Para Munanga: “[...] pode também haver manipulação da

consciência identitária por uma ideologia dominante quando considera a busca da identidade como um desejo separatista (MUNANGA, 2020, p. 13)”. Esses modos de violência construídos e mantidos visam garantir a supremacia de grupos e a manutenção contínua de visões e identidades submissas nos diversos espaços e ambientes.

No caso da população negra no Brasil, desde o período de escravidão, essas estruturas e formatos de sociedade tentam ser mantidos nas múltiplas esferas sociais, como o trabalho, a escola e a educação, saúde, lazer, moradia, etc. Desde então, movimentos vêm sendo estabelecidos como tentativa de romper com essas ideias, perspectivas e estruturas. Essas resistências não atingem somente o campo teórico e dos estudos, mas também ultrapassam as barreiras acadêmicas alcançando esferas sociais e transformando os modos como as identidades negras são construídas, representadas e reconhecidas no país.

NEGRITUDE E RESSIGNIFICAÇÕES

Neste jogo das identidades negras entra o conceito de negritude, muito abordado por Munanga em sua obra *Negritude: usos e sentidos* (2020). De início, na abertura da obra, o autor nos apresenta como o panorama das discussões sobre identidade negra no Brasil está sem definições mais precisas e objetivas, indicando como não é possível falar em população negra como uma grande massa homogênea e semelhante em suas características. Para isso, expressa três principais fatores que contribuem para as discussões sobre as identidades negras. O 1º é a perspectiva histórica desses grupos, resgatando as origens, passado e os elos históricos que unem os povos. O 2º são os aspectos linguísticos aos quais estão inseridos, não somente relacionados à linguagem oral e escrita, mas também às formas de expressão como roupas, vestimentos, cabelos, etc. O 3º são os fatores psicológicos associados às relações sociais e comunitárias de pessoas negras e não à perspectiva biológica (MUNANGA, 2020). Por isso, para Munanga (2020):

Poder-se-á dizer, em última instância, que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite a seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existente entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta. (MUNANGA, 2020, p. 13).

Nesse sentido, a ideia de negritude trabalhada pelo autor traz uma perspectiva mais teórica e reflexiva de valorização e resgate da cultura negra e africana, desenvolvida por autores que tentavam romper com os posicionamentos e teorias levantadas por autores europeus com concepções racistas e justificativas para a dominação branca na sociedade.

Esse cenário da negritude é fundamental para entender mais sobre a identidade negra e a ocupação de seus espaços sociais. O teórico e filósofo Achille Mbembe (2018) destaca como essa tentativa de mudança através do conceito de negritude afeta a relação do negro com o mundo ao seu redor:

Um movimento similar se observa em muitos poetas da Negritude. Para estes, o substantivo “negro” já não remete à experiência do vazio que deve ser preenchido. Na criação imaginária dos poetas negros, ele se torna uma “arma milagrosa”, que os poetas procuravam transformar numa força ativa, por meio da qual os negros se revelariam a si mesmos em sua particularidade e poderiam penetrar até as fontes mais profundas da vida e da liberdade. Substantivo transformado em conceito, o “negro” se torna o idioma pelo qual as pessoas de origem africana se anunciam ao mundo, se mostram ao mundo e se afirmam como mundo, recorrendo à sua força e ao seu próprio gênio (MBEMBE, 2018, p. 87).

Além disso, para o autor, este momento é de denúncia, de anunciação e de presença do pensamento negro na sociedade, destacando a busca e afirmação das identidades negras nas esferas da escrita e da teoria.

A outra perspectiva do conceito de negritude está relacionada com as ações e movimentações mais práticas de recusa à branquitude, construindo possíveis alternativas para a população negra. Essas atuações se dariam nas diversas esferas e estruturas sociais, atingindo grupos distintos e diferentes. Dessa forma, estariam se desvencilhando dos modelos e noções ocidentais, principalmente europeia e branca, rompendo com ações, atitudes e perspectivas de ver, entender e construir o mundo e as esferas sociais.

Uma dessas movimentações práticas da negritude são as mídias pretas online, veículos de informação e notícias que trazem conteúdos sobre pessoas negras, realizados por pessoas negras. Utilizando-se dos avanços digitais e de informação, esses meios estão ocupando os espaços digitais para a reconstrução dos padrões estabelecidos pela mídia hegemônica e tradicional. É o caso do “Alma Preta”, portal criado em 2015 por um grupo de alunos da Universidade Estadual Paulista (Unesp), na cidade de Bauru,

em São Paulo. No portal há um discurso forte contra a mídia hegemônica e tradicional, e se tem um posicionamento destacado sobre quais são os seus objetivos perante a sociedade, principalmente negra, no Brasil, como a produção de conteúdos que atendam aos interesses de pessoas afro-brasileiras, através de um jornalismo independente e bem realizado.

Tanto no Alma Preta quanto em outros veículos digitais de mídia preta há representações mais positivas e destacadas de pessoas negras, valorizando suas identidades, suas características e ocupações dentro da sociedade. É o caso das representações em contextos de poder e influência, destacando profissões e cargos ocupados por pessoas negras. Esse posicionamento vai ao contrário daqueles observados na mídia hegemônica e tradicional, que busca manter os padrões de representação de pessoas negras em situações de criminalidade, violência, pobreza, sexualização dos corpos, etc. Estereótipos muito perpetuados pela mídia tradicional.

Além disso, essas novas ressignificações apresentam-se como formas de combate ao racismo estrutural e institucional presentes nesses espaços midiáticos. As práticas discriminatórias são entendidas, em muitas situações, como casos isolados e específicos. Assim como nas representações midiáticas, na sociedade em geral e em seus espaços de interação, o racismo acaba sendo reduzido apenas a opiniões. No entanto, para o jurista e filósofo Silvio Almeida (2019), todo racismo é estrutural e está sob uma perspectiva que engloba diversas áreas sociais. Essas formas de discriminação operam através de uma atuação conjunta e organizada de grupos dominantes para a manutenção do racismo, em campos como a política, economia, educação, lazer e cultura. O autor, mesmo compactuando com esta visão mais ampla e definida sobre o racismo, não deixa de enxergá-lo em suas formas individuais e cotidianas. Para Silvio Almeida (2019): [...]

pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas nesta reprodução das práticas racistas e não é um alibi para os racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas (ALMEIDA, 2019, p. 51).

Ainda nesse pensamento, Silvio Almeida apresenta como as práticas de combate a essas formas de opressão e preconceito precisam, a todo momento, considerar as estruturas e relações étnico-raciais, para somente assim compreender como de fato se

configura o racismo no país. Dessa forma, a negritude trabalhada por Munanga (2020), como forma de ação antirracista, necessitaria de um reconhecimento sobre as relações sociais e raciais para somente assim reconstruir uma nova perspectiva sobre a presença do negro na sociedade.

Nos estudos da comunicação, a representação é caracterizada como a construção de valores e sentidos sobre determinado fenômeno, assunto, pessoa ou ideia. Para Stuart Hall (2016), os sistemas de representação reproduzem os conceitos e ideias presentes em nossa mente, de modo a externalizá-los através da linguagem, produzindo sentidos e significados.

Neste cenário, a representação se apresenta como criadora de sentidos e significados sociais. Com isso, é fator fundamental quando falamos sobre identidades. Kathryn Woodward e Stuart Hall (2014) apontam sobre o papel das representações na formação das identidades. Para os autores,

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. E por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (HALL; WOODWARD, 2014, p. 17).

Dessa forma, essas retratações são construídas e veiculadas pela mídia em seus diversos formatos, seja impresso, audiovisual, sonoro, digital, etc. Assim, utilizam-se recursos de linguagem para a criação e transmissão dessas formas de representação. No caso da mídia hegemônica e tradicional brasileira, as construções possuem sentidos e visões baseadas na submissão e desvalorização da população negra. O racismo estrutural presente nos diversos veículos de mídia contribui para um compartilhamento e criação de sentidos padronizados sobre a sociedade, colocando o branco como o centro dos assuntos racionalizados e bem articulados e o negro em posições de subvalorização.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para compreender como a negritude e as práticas de construção de uma mídia negra são acionadas para trazer novas formas de representação de pessoas negras, foi realizada análise de conteúdo de material coletado no Portal Alma Preta. De acordo com Laurence Bardin (1977): “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise

das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31). Para a autora, os métodos e escolhas realizadas precisam ser precisas e bem delimitadas: “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manipulado das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BARDIN, 1977, p. 36).

Para isso, foram selecionadas matérias publicadas na plataforma do Portal, através de um recorte editorial e de tempo que compreenda como as pessoas negras são representadas em contextos, discursos e situações de poder. A partir disso, buscou-se entender as formas como a negritude e suas atuações teóricas e práticas auxiliam na recriação e ressignificação de novos modos de representação da população negra. Para isso, optou-se pela editoria Cotidiano, por sua perspectiva mais direta e relacionada com assuntos sobre o dia-a-dia, rotina e acontecimentos de pessoas negras no Brasil.

Em relação ao início do período da coleta dos conteúdos, foi tomado como base dois fatos que marcaram a construção das pessoas negras nos veículos midiáticos: os tristes e violentos assassinatos de George Floyd, nos Estados Unidos, e de João Pedro, assassinado na cidade de São Gonçalo, ambos no mês de maio de 2020. A coleta, dessa forma, seria feita a partir da primeira publicação realizada no mês de maio de 2020, na editoria Cotidiano. Como ponto de encerramento da coleta de conteúdos, foi decidido o último dia de novembro do mesmo ano, pois caracteriza um mês em que há outro episódio que impactou as narrativas negras na mídia: o assassinato de João Alberto, em uma unidade da rede de supermercados Carrefour, na cidade de Porto Alegre. Selecionando todas as matérias indicadas dentro desse espaço de tempo, foi encontrado um total de 315 conteúdos.

Após essa etapa, foram escolhidas matérias que destacavam pessoas negras nas capas e fotos principais, além de manchetes e títulos que mencionam explicitamente as profissões e ocupações sociais de poder. Tanto nos recursos imagéticos quanto nos escritos as pessoas negras não são valorizadas e tão representadas na mídia tradicional. Com isso, tem-se um total de 34 matérias escolhidas para análise.

Dentre os recortes temporais, de linha editorial e textual indicados por Bardin (1977) para a análise de conteúdo, temos uma relação de 26 profissões diferentes mencionadas. Dessas, a que mais se repete é a de empreendedor, aparecendo em cinco ocasiões. Considerando um contexto social brasileiro, com altas taxas de desemprego e

de desigualdade social e racial, a ocupação de empreendedor parece surgir como uma opção autônoma da população negra buscar os seus próprios caminhos no mercado de trabalho e profissional.

Gráfico 1 - Gráfico com a frequência de todas as profissões mencionadas nos conteúdos



Fonte: Elaboração do autor.

Dessa forma, com tom de denúncia e de representação de uma realidade da população negra no mercado de trabalho, o Portal Alma Preta busca retratar nesses conteúdos da editoria Cotidiano aspectos positivos da negritude e da população negra. Apesar da situação ser, possivelmente em muitos casos, de única saída, demonstra as alternativas criadas e realizadas por pessoas negras. Essas reconstruções são destacadas por Bernardes e Corrêa (2019) como métodos de resistências dessas populações:

[...] no cenário cultural contemporâneo, o potencial de (re)criação das representações tem sido acionado como prática de resistência e de empoderamento de pessoas negras, sobretudo as mulheres, que têm as próprias características fenotípicas como cabelo, o formato do nariz a cor da pele, estigmatizadas e ridicularizadas desde a infância (JOHNSON; BANKHEAD, 2014 *apud* BERNARDES; CORRÊA, 2019, p. 214).

Para as autoras, esse potencial é base para vias alternativas de representação, criando novos sentidos e ideias sobre a população negra. Além disso, outro ponto a se destacar é como as identidades múltiplas e descentradas trabalhadas por Hall (2019) são observadas e representadas pelo Portal Alma Preta. Para além de retratar pessoas negras em uma perspectiva da raça, os conteúdos analisados buscam valorizar as diversas camadas e aspectos sociais vivenciados por esses personagens. Abaixo, a figura 1 exemplifica como essas camadas podem ser conhecidas como interseccionalidade, conceito trabalhado por Akotirene (2019), pois retrata e reconhece os atravessamentos de identidade e de opressões como o racismo, machismo e o preconceito de classe, realizados por grupos dominantes. Assim, expande a identidade da mulher, para trazer outras formas de identidade e de apresentação como mulheres negras, mulheres indígenas e mulheres trans. Essa compreensão da matéria explicita personagens sociais que, em muitas situações, sequer são mencionadas e citadas.

Figura 1- Matéria sobre programa de capacitação para mulheres negras empreendedoras.

Programa de aceleração de negócios prior empreendedoras negras, indígenas e tran



Fonte: Portal Alma Preta.

Figura 2 - Matéria apresentando contos de autores negros.

Dez contos de autores negros para você conhecer



Fonte: Portal Alma Preta.

Os conteúdos estudados trazem um modelo de representação que busca romper com o negro como forma de estatística, apenas presente como parte de números, parcelas ou porcentagens da população. Dessa vez, o negro é personagem principal, uma fonte especializada ou inspiração para a escrita da matéria. É a busca por uma valorização própria e de reconstruções de valores e sentidos a partir dessa perspectiva negra, aprofundados por Munanga (2020). Como é o caso do texto: “Dez contos de autores negros para você conhecer”, destacado na figura 2 acima, em que escritores

negros e suas obras se tornam tema principal da matéria, estampando o título, as fotos e presentes no decorrer do texto com suas características, suas práticas, suas origens e suas vivências dentro de suas profissões. Por isso, aspectos sobre a história e a linguagens, mencionados como essenciais para Munanga (2020) no momento de debater as identidades negras, são também recorrentes nos conteúdos analisados do Alma Preta.

Figura 3 - Matéria sobre influencers negros, com a influenciadora Ana Paula Xongani.

Pandemia e influencers negros: mais trabalho e responsabilidades



Fonte: Portal Alma Preta.

Figura 4 - Matéria sobre o assassinato de líder comunitária.

Fundo emergencial apoia microempreendedores das periferias



Fonte: Portal Alma Preta.

O contraste expressado pelo Alma Preta, em comparação com publicações de veículos de mídia tradicional, parece valorizar a perspectiva negra e suas identidades na sociedade. Na figura 3, destaca-se a atuação de influenciadores negros durante a pandemia, com mudanças em suas rotinas profissionais. Na foto, Ana Paula Xongani, influenciadora negra, está centralizada e tem seu rosto representado de forma positiva.

Já na figura 4, a manchete traz o apoio recebido por microempreendedores da periferia, por um fundo emergencial financeiro. Na imagem em questão, são retratados personagens em situação de destaque, valorizando suas atividades e reconhecendo sua importância na sociedade.

Ambas matérias estão trazendo elementos relacionados a profissões de pessoas negras, mas sem deixar de valorizar, destacar e construir um sentido otimista em relação a essas identidades em jogo. Como mencionado por Munanga (2020), a noção da negritude é recriar esses valores através da figura centralizada do negro, rompendo com as ideias e concepções da branquitude. Além disso, essa reconstrução também é base

para a noção de força ativa e de liberdade para o negro, afirmando-se ao mundo e como o mundo (MBEMBE, 2019).

Mesmo em conteúdos em que não há temas e acontecimentos relacionados diretamente com a negritude, há a presença de personagens ou de fontes negras. Na figura 5, o Alma Preta divulga o lançamento de um livro escrito pelo professor Dennis de Oliveira, um homem negro, sobre fundamentos do jornalismo. Por isso, buscou-se evidenciar um profissional negro e sua atuação social. Para Munanga (2020) é uma tentativa de afirmação em contraposição a grupos dominantes. Ou seja, o Alma Preta optou pelo reconhecimento de um personagem negro em vez de escolher a divulgação de uma obra escrita por um homem branco.

Esse rompimento parece se dar em diversos tipos de conteúdo da editoria cotidiano, tanto naqueles em que há temáticas raciais ou naqueles em que há personagens negras. Entendendo-se, assim, que há uma importância em reconhecer que o negro está presente nesses diferentes espaços sociais e de ocupação profissional, tornando essas representações como uma forma de noção antirracista ao evidenciar como o racismo é um problema estrutural no Brasil e no mundo (ALMEIDA, 2019).

Figura 5 - Matéria sobre lançamento de livro do professor Dennis de Oliveira.

Professor lança livro sobre os fundamentos básicos do jornalismo



Fonte: Portal Alma Preta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população negra no Brasil passou e passa por representações, por parte da mídia tradicional e hegemônica, de suas imagens e identidades de modo subvalorizado, associados à criminalidade, sexualização dos corpos e relacionados a contextos de

violência. Ao analisar essas retratações realizadas nas 34 matérias da editoria Cotidiano do Portal Alma Preta, conclui-se que há uma tentativa de valorizar as características, ocupações sociais e profissões de pessoas negras. Isso, através da reconstrução de sentidos e percepções, destacando as identidades negras em fotos, manchetes e no próprio texto da matéria.

As identidades múltiplas e descentradas, citadas por Hall (2019), com os movimentos de globalização e de aceleração das tecnologias da informação são atingidas por diversas fontes de conteúdo. A representação dessas identidades, como mencionado por Kathryn Woodward e Stuart Hall (2014) são fatores essenciais para a formação social dos sujeitos. Por isso, também se conclui que o Alma Preta não contribui para a padronização da representação do negro, e que essas múltiplas identidades são aspectos centrais nos conteúdos analisados, pois figuram atributos e características diversas da população negra em suas esferas sociais, compreendendo também as avenidas identitárias e de opressões da interseccionalidade aprofundada por Carla Akotirene (2019).

Essa nova perspectiva traz o negro em posições de poder e influência, apresentando cenários e situações que não são comumente retratadas na mídia hegemônica e tradicional. Por isso, entende-se que os conceitos e práticas da negritude explorados por Kabengele Munanga (2020) são instrumentos e vias essenciais para a população negra no jornalismo e na comunicação, pois dão luz para a construção de perspectivas e cenários próprios e originais sobre a identidade negra. Assim, rompem com uma visão europeia e branca, agora caracterizando o negro como o construtor de sua própria identidade e, conseqüentemente de sua própria história.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

CORRÊA, Laura G.; BERNARDES, Mayra. “Quem tem um não tem nenhum”: solidão e sub-representação de pessoas negras na mídia brasileira. IN: Vozes negras em Comunicação: Mídia, Racismos e Violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei

federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____. Cultura e representação. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença. Belo Horizonte: Vozes, 2014.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: n1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: usos e sentidos. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.